

# Boletim de Conjuntura – Março de 2021

## Sumário

Atividade.....	2
Inflação .....	5
Setor externo .....	7
Emprego.....	12
A economia da América Latina e da Ásia – Parte II.....	18
Os objetivos chineses que geram dúvidas no Ocidente .....	23
Produção de vacinas de Covid 19 na Ásia.....	26
Sensíveis diferenças culturais com o Covid 19.....	27
Notas diversas.....	29

## Projeções de consenso para 2021

Crescimento do PIB	≈ 3,4%
Taxa de Inflação (IPCA)	≈ 3,9%
Saldo Comercial	≈ US\$ 60,0 bi
Déficit em Contas Correntes	≈ -0,5% PIB
Déficit Fiscal	≈ 6,0% PIB
Superávit Primário	≈ -2,5% PIB
Taxa de Desemprego (PNAD, final do ano)	≈ 14,5%
Dívida Bruta do Setor Público (conceito BCB)	≈ 86,0% PIB

Ideias Consultoria S/C Ltda

Rua Armando Penteado, 382

01242-010 - Pacaembu - São Paulo - SP

Tel.: 11 3826-8077

E-mail: [ideias.consult@uol.com.br](mailto:ideias.consult@uol.com.br)

Análise e textos

Paulo Yokota  
Akihiro Ikeda

# Atividade

---

**Por Akihiro Ikeda**

## a) PIB

Em 2020 o PIB real teve queda de 4,1% em relação ao ano anterior. As previsões indicavam percentuais semelhantes. A maioria dos países sofreu redução no seu nível de atividade em virtude da pandemia que atingiu a todos. A tragédia do Brasil é que a década toda foi ruim. De 2010 a 2020 o PIB cresceu apenas 0,3% aa. De acordo com o IBGE a população pode ter crescido algo como 11% na década, o que dá uma ideia da magnitude do retrocesso nesse período. Muitas economias emergentes tiveram problemas em 2020 mas tinham acumulado expansões robustas nos anos anteriores. Exemplos não faltam, principalmente na Ásia.

Em termos setoriais a agricultura cresceu 2,0 em 2020, a indústria -3,5% e os serviços -4,5%. Quais são as perspectivas para os próximos anos? Não se pode esperar nada brilhante. O país continua investindo muito pouco, uns 15,4% do PIB em 2020. Não existe uma relação exata entre investimento e crescimento do PIB. Sabe-se, no entanto, que no longo prazo ele é a principal alavanca da expansão econômica.

**Tabela 1: Taxa de crescimento em 2020**

	(%)
<b>PIB real</b>	-4,1
<b>Agropecuária</b>	2
<b>Indústria</b>	-3,5
<b>Serviços</b>	-4,5
<b>Formação bruta de capital fixo</b>	-0,8
<b>Consumo das famílias</b>	-5,5
<b>Consumo do governo</b>	-4,7

Fonte: IPEADATA

**Tabela 2: taxa anual de crescimento 2010-2020**

	(%)
<b>Agricultura</b>	2,9
<b>Exportação</b>	1,8
<b>Formação bruta de capital fixo</b>	-2,8
<b>Indústria de transformação</b>	-1,6
<b>PIB real</b>	0,3

Fonte: IPEADATA

**Tabela 3: (Formação bruta de capital fixo/PIB) %\***

	(%)
<b>1995</b>	17,3
<b>2000</b>	18,9
<b>2005</b>	17,2
<b>2010</b>	21,8
<b>2015</b>	17,4
<b>2020</b>	15,4

Fonte IPEADATA; (\*) = a preços correntes.

### **b) Indústria de transformação**

Em janeiro deste ano a produção física aumentou 1,3% em relação ao mesmo mês do ano anterior. No ano de 2020 houve uma queda de 4,6% em relação a 2019.

### **c) Agricultura**

A previsão da CONAB é um aumento de 6,0% nas culturas de verão da próxima safra 2020/21 em relação à última 2019/20. Os principais cereais terão expansões importantes, a soja de 124,8 milhões de toneladas para 135,1 milhões (+ 8,2%) e milho de 102,5 milhões para 108,1 milhões (+ 5,4%).

**Tabela 4: previsão de produção das culturas de verão**

Milhões de toneladas	
<b>Safra 2019/20</b>	249,4
<b>Safra 2020/21</b>	264,5

Fonte: CONAB

**d) Volume de vendas no comércio (variações %)**

**Tabela 5: Volume de vendas no varejo (%)**

	Jan21/Dez20	Jan21/Jan20	12 meses
<b>Varejo</b>	<b>-0,2</b>	<b>-0,3</b>	<b>1,0</b>
<b>Varejo ampliado</b>	<b>-2,1</b>	<b>-2,9</b>	<b>-1,9</b>
veículos e motos	-3,6	-15,3	-15,6
material de construção	0,3	12,3	11,6

Fonte: IPEADATA

**e) Volume de serviços**

O setor de serviços foi um dos mais prejudicados pela pandemia. Nos últimos 12 meses até janeiro de 2021 amargou uma queda de 8,3%.

**Tabela 6: Volume de serviços**

	(%)
<b>Jan21/Dez20</b>	0,6
<b>Jan21/Jan20</b>	-4,7
<b>12 meses</b>	-8,0

Fonte: IPEADATA

# Inflação

*Por Akihiro Ikeda*

O último Relatório Focus (12/3) elevou o IPCA deste ano de 3,87% para 4,60%. Não se sabe o motivo, talvez a inflação de fevereiro que atingiu 0,86%, um percentual bastante elevado. Os grupos transporte e educação registraram 2,28% e 2,48%, respectivamente, as maiores altas no mês. Transporte tem impacto elevado sobre o IPCA, responsável por 0,45%. A gasolina responde por 0,36% e o álcool por 0,05%.

**Tabela 1: IPCA de fevereiro de 2021 por grupos (%)**

	mês	impacto
<b>Alimentação e bebidas</b>	0,27	0,06
<b>Habitação</b>	0,4	0,06
<b>Artigos de residência</b>	0,66	0,03
<b>Vestuário</b>	0,38	0,02
<b>Transporte</b>	2,28	0,45
<b>Saúde/cuidados pessoais</b>	0,62	0,08
<b>Despesas pessoais</b>	0,17	0,02
<b>Educação</b>	2,48	0,15
<b>Comunicação</b>	-0,13	-0,01
<b>IPCA</b>	0,86	0,86

Fonte: IBGE

O IPCA, no acumulado de 12 meses, mostra taxas relativamente baixas no início para o meio do ano, talvez em virtude da safra agrícola, elevando-se para o final do ano.

**Tabela 2: IPCA acumulado em 12 meses**

	mês	%
<b>2020</b>	Fev	4,01
	Mar	3,30
	Abr	2,40
	Mai	1,88
	Jun	2,13
	Jul	2,31
	Ago	2,44
	Set	3,14
	Out	3,92
	Nov	4,31
	Dez	4,52
<b>2021</b>	Jan	4,56
	Fev	5,20

Fonte: IBGE

Nos últimos dez anos pode-se considerar duas fases. De 2011 a 2016 a taxa foi relativamente alta, uma média anual de 6,94%. De 2017 a 2020 houve uma queda sensível, registrando uma taxa de 3,88%. Assinale-se, no entanto, que a economia praticamente se estagnou no período. O PIB real cresceu meros 0,3% em todo o período. Considerando-se esse pífio desempenho a inflação foi muito elevada.

# Setor externo

**Por Akihiro Ikeda**

## 1. Comércio

No mês de fevereiro as exportações totalizaram US\$16,2 bilhões, as importações US\$15,0 bilhões e o saldo comercial ficou em US\$1,2 bilhões. Dados comparativos de janeiro e fevereiro deste ano e de 2020 encontram-se na tabela 1.

**Tabela 1: exportações e importações de janeiro e fevereiro (US\$ bi)**

	2021	2020	variação (%)
Exportações	31,1	30,1	3,3
Importações	30,9	29,5	4,7
<b>Saldo</b>	<b>0,2</b>	<b>0,6</b>	

Fonte: Ministério da Economia

Como tem ocorrido nos anos anteriores existe uma concentração maior de produtos manufaturados na importação do que na exportação. Importa-se maior proporção de bens econômicos complexos do que se exporta.

**Tabela 2: exportações e importações por setores de atividade, janeiro + fevereiro (US\$ milhões)**

	2021	2020	variação (%)
<b>Exportações</b>			
Agropecuária	3.923	4.445	-11,7
Ind. Extrativa	9.416	7.824	20,3
Ind. Transformação	17.636	17.644	0,0
<b>Importações</b>			
Agropecuária	798	706	13
Ind. Extrativa	1.288	1.311	-1,7
Ind. Transformação	28.340	27.320	3,7

Fonte: Ministério da Economia

**Tabela 3: principais produtos exportados e importados, janeiro + fevereiro (US\$ milhões)**

	2021	2020	variação (%)
<b>Produtos exportados</b>			
Minério de ferro	5.647	3.219	75,4
Petróleo	3.197	4.024	-20,5
Soja, grão e farelo	2.138	4.349	-50,8
Açúcar	1.222	857	42,6
Carne bovina	948	1.052	-9,9
Café em grão	880	739	19,1
Carne de frango	864	1.006	14,1
Algodão	803	753	6,6
Milho	651	427	52,5
Carne suína	311	296	5,1
Veículos e peças	1.291	1.222	5,6
Celulose	791	948	16,6
<b>Produtos importados</b>			
Plataformas/estruturas flutuantes	3.464	2.100	64,9
Fertilizantes	1.365	917	48,8
Válvulas/tubos termiônicas	1.141	956	19,3
Equips. de telecomunicação	1.140	1.110	2,7
Medicamentos em geral	1.295	1.471	-12,0

Fonte: Ministério da Economia

**Tabela 4: Principais parceiros comerciais, janeiro + fevereiro (US\$ milhões)**

	2021	2020	variação (%)
<b>Importam do Brasil</b>			
China	8.950	8.245	8,5
Estados Unidos	3.143	3.261	-3,6
Argentina	1.520	1.394	9,0
Chile	812	578	40,5
Alemanha	730	644	13,3
Canadá	657	532	23,5
Coreia	649	410	58,3
<b>Exportam para o Brasil</b>			
China	6.715	7.428	-9,6
Estados Unidos	4.259	5.792	-26,5
Argentina	1.671	1.418	17,8
Alemanha	1.427	1.670	-14,5
Japão	1.019	571	78,4
Índia	749	782	-4,2
Coreia	747	668	11,8
Chile	650	524	24,0

Fonte: Ministério da Economia

As exportações brasileiras dependem naturalmente da demanda mundial. Outros fatores que as influenciam são o volume de produção agrícola e os preços das commodities. A excessiva valorização cambial que predominou principalmente na década passada prejudicou a exportação de produtos manufaturados e facilitou a importação atingindo negativamente o setor industrial. O nível de atividade econômica interna costuma afetar as importações como pode ser verificado pelo anexo (II).

**Anexos:**

**(I) Exportações e importações (US\$ bilhões)**

	<b>Exportações</b>	<b>Importações</b>
<b>2011</b>	255,5	227,9
<b>2012</b>	242,3	224,9
<b>2013</b>	241,6	241,2
<b>2014</b>	224,1	230,7
<b>2015</b>	190,1	172,4
<b>2016</b>	184,3	140,0
<b>2017</b>	218,1	154,1
<b>2018</b>	239,5	186,5
<b>2019</b>	225,8	185,3
<b>2020</b>	210,7	167,4

Fonte: IPEADATA

**(II) Variações anuais, PIB e quantum de importação (%)**

	<b>PIB</b>	<b>Importação</b>
<b>2011</b>	4,0	8,9
<b>2012</b>	1,9	-2,2
<b>2013</b>	3,0	8,6
<b>2014</b>	0,5	-2,5
<b>2015</b>	-3,6	-15,1
<b>2016</b>	-3,3	-11,9
<b>2017</b>	1,3	5,4
<b>2018</b>	1,8	11,9
<b>2019</b>	1,4	2,9
<b>2020</b>	-4,1	-2,3

Fonte: IPEADATA

**(III) Saldo em contas correntes (US\$ bilhões)**

	Saldo comercial	Serviços/rendas	Contas correntes
<b>2011</b>	27,6	-103,9	-76,3
<b>2012</b>	17,4	-101,2	-83,8
<b>2013</b>	0,4	-80,2	-79,8
<b>2014</b>	-6,6	-94,8	-101,4
<b>2015</b>	17,7	-72,2	-54,5
<b>2016</b>	44,6	-68,0	-24,2
<b>2017</b>	64,0	-79,0	-15,0
<b>2018</b>	53,0	-94,5	-41,5
<b>2019</b>	40,5	-141,9	-50,7
<b>2020</b>	43,3	-55,8	-12,5

Fonte: IPEADATA

**(IV) Saldo de serviços: viagens, transportes e aluguel de equipamentos (US\$ bilhões)**

	Viagens	Transportes	Aluguel equip.
<b>2011</b>	-14,7	-8,0	-16,6
<b>2012</b>	-15,7	-8,4	-18,3
<b>2013</b>	-18,6	-9,4	-19,2
<b>2014</b>	-18,7	-8,7	-22,7
<b>2015</b>	-11,5	-5,7	-21,6
<b>2016</b>	-8,5	-3,7	-19,6
<b>2017</b>	-13,2	-5,0	-18,3
<b>2018</b>	-12,3	-6,2	-15,8
<b>2019</b>	-11,6	-5,9	-14,4
<b>2020</b>	-2,3	-2,5	-11,7

Fonte: IPEADATA

# Emprego

*Por Akihiro Ikeda*

## 1. Pequena recuperação do emprego

No último trimestre de 2020 houve ligeira recuperação do emprego em relação ao trimestre anterior. O número de pessoas ocupadas aumentou de 85,6 milhões para 86,2 milhões. Mas encontra-se, por enquanto, distante do mesmo trimestre de 2019 que registrava 94,6 milhões de pessoas ocupadas. É evidente que a deterioração geral do mercado de trabalho ainda continua. O número de pessoas desempregadas era no ano passado de 11,6 milhões; atingiu neste ano 13,9 milhões. Pessoas desalentadas eram 4,6 milhões. Subiu para 5,8 milhões.

**Tabela 1: população de 14 anos e mais, trimestre out/dez (milhões)**

	2019	2020	Diferença
<b>Na força de trabalho</b>	106,2	100,1	-6,1
<i>Ocupada</i>	94,6	86,2	-8,4
<i>Desocupada</i>	11,6	13,9	2,3
<b>Fora da força de trabalho</b>	65,4	76,3	10,8
<b>População ativa (14 anos e +)</b>	171,6	176,4	4,7
<b>Taxa de desemprego (%)</b>	11,0	13,9	2,9

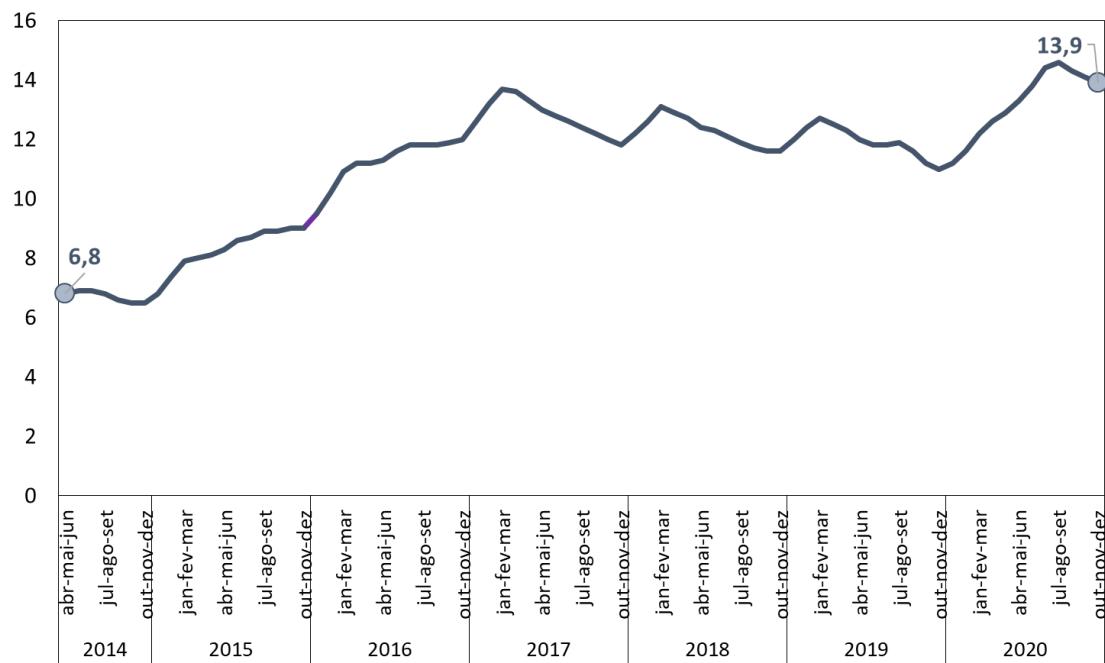
Fonte: IBGE

**Tabela 2: pessoas ocupadas segundo posição, trimestre out/dez (milhões)**

	2019	2020	Diferença
<b>Empregado</b>	63,5	56,9	-6,6
<i>Setor privado (excl. doméstico)</i>	45,5	39,9	-5,7
<i>Doméstico</i>	6,4	4,9	-1,5
<i>Setor público</i>	11,6	12,2	0,5
<b>Empregador</b>	4,4	3,9	-0,5
<b>Conta própria</b>	24,6	23,3	-1,3
<b>Outros</b>	2,0	2,1	0,1

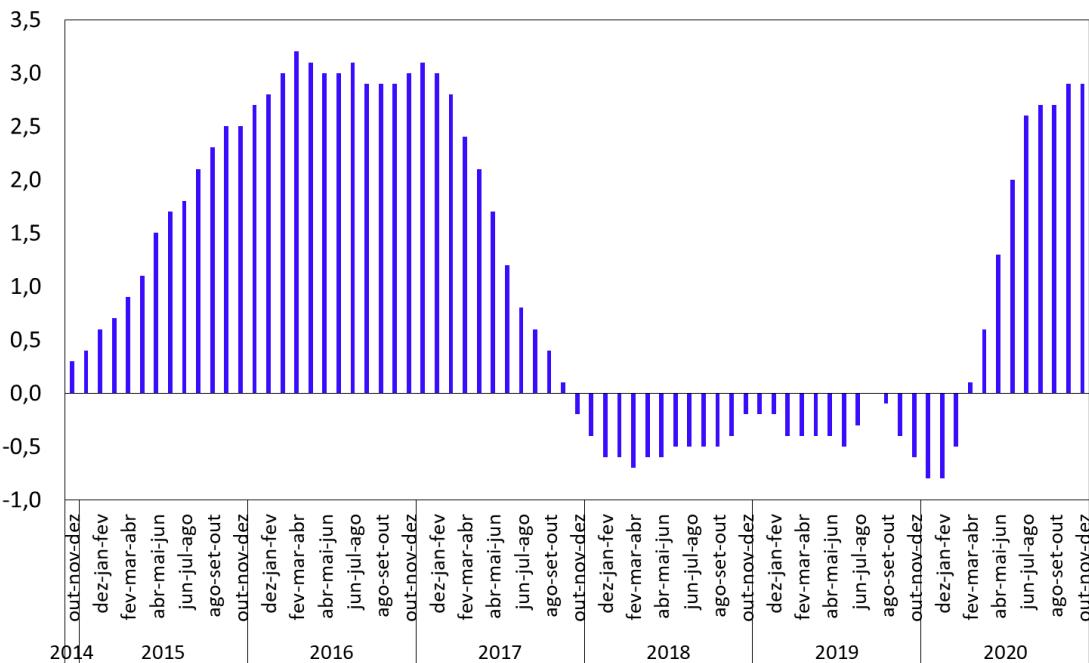
Fonte: IBGE

**Gráfico 1: Taxa de desocupação, média móvel de 3 meses (%)\***

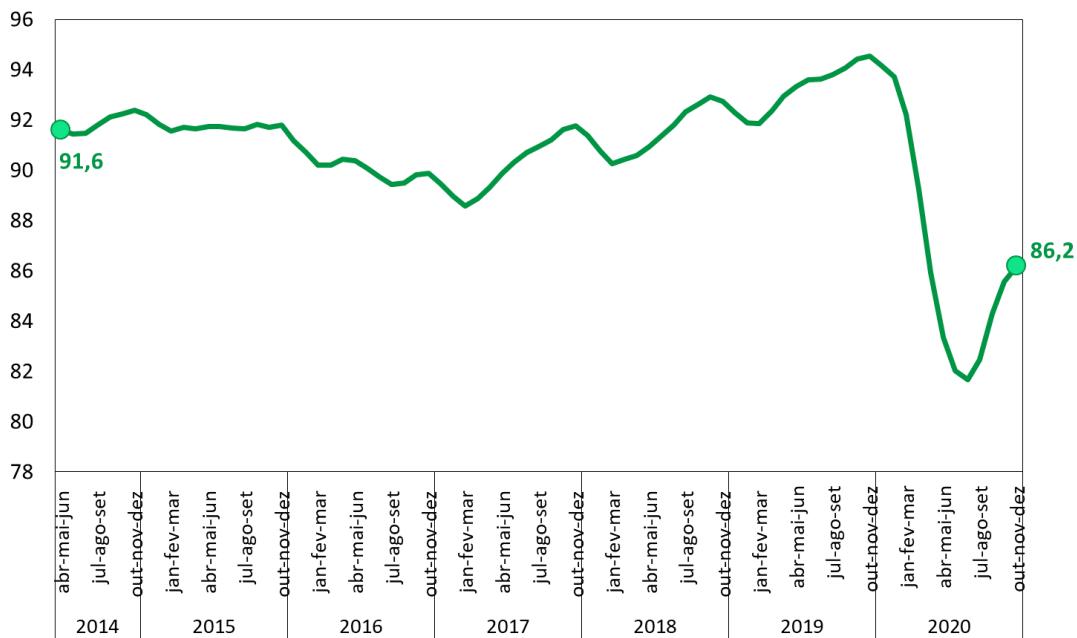


\*no gráfico o mês indicado refere-se ao terceiro mês da média móvel. Fonte: IBGE

**Gráfico 2: Taxa de desocupação, variação em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (%)**

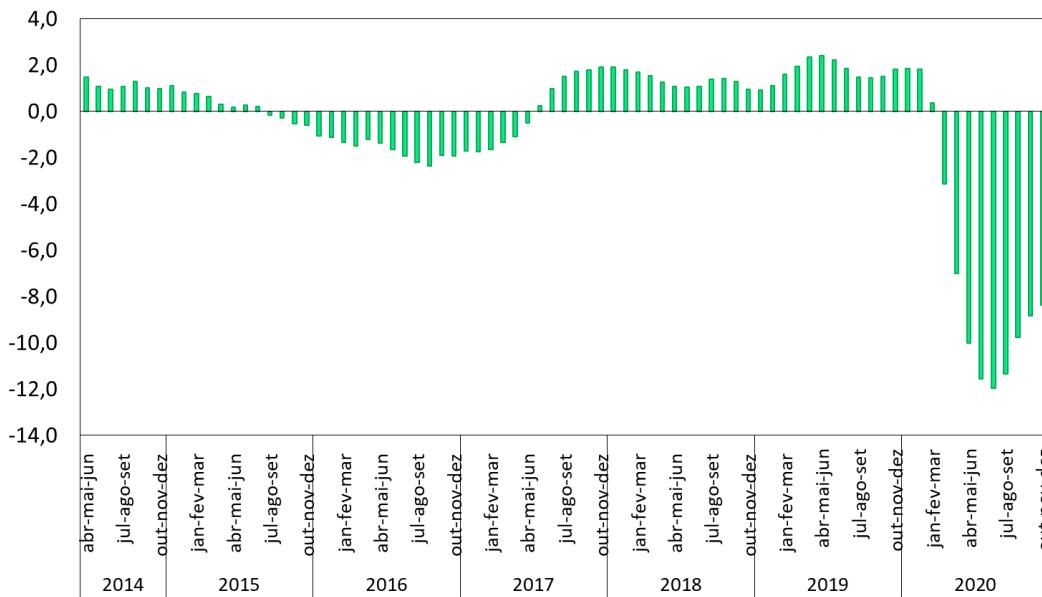


**Gráfico 3: Pessoas ocupadas, de 14 anos ou mais (milhões)**



Fonte: IBGE.

**Gráfico 4: Variação das pessoas ocupadas de 14 anos ou mais em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (milhões)**



Fonte: IBGE.

O problema do desemprego começou em 2015 agravando-se continuamente a partir dessa data. Em 2014 a média do ano foi de 6,8%, em 2015 subia para 8,5% e em

2020 chegava a 13,5% (tabela 4). Além do desemprego é preciso considerar outras formas de perda, como a insuficiência de horas trabalhadas e as pessoas desalentadas.

**Tabela 3: Subutilização da força de trabalho, out-dez (milhões)**

	Desocupadas	IHT*	Força de trabalho potencial**	
			Desalentadas	Não desalentadas
<b>2012</b>	6,6	5,3	1,9	3,1
<b>2013</b>	6,0	4,8	1,6	2,8
<b>2014</b>	6,4	4,7	1,6	2,7
<b>2015</b>	9,0	4,1	2,7	2,6
<b>2016</b>	12,3	5,2	3,8	2,8
<b>2017</b>	12,3	6,4	4,3	3,3
<b>2018</b>	12,2	6,9	4,7	3,1
<b>2019</b>	11,6	6,8	4,6	3,1
<b>2020</b>	13,9	6,8	5,8	5,5

(\*) IHT = subocupado por insuficiência de horas trabalhadas; (\*\*) FT Potencial = Pessoas que estavam ocupadas ou desocupadas, mas que possuíam potencial de se transformarem em força de trabalho. Inclui dois grupos: (1) pessoas não desalentadas, que realizaram buscas efetivas por emprego, mas não se encontravam disponíveis para trabalhar na semana de referência; (2) desalentadas, pessoas que gostariam de trabalhar mas não tomaram providências para conseguir trabalho porque julgaram que não existe trabalho adequado, ou porque não têm experiência ou qualificação profissional.

Fonte: IBGE

O emprego costuma seguir a variação do PIB real. De 2012 a 2019 a economia teve altos e baixos, na realidade mais baixos do que altos. O PIB real aumentou apenas 2,95% em todo o período. O emprego no setor privado manteve-se praticamente estável (62,4 milhões em 2012 e 62,6 milhões em 2019). Em 2020 estima-se uma queda de 4% do PIB e de 8,5% no emprego.

**Tabela 4: Médias anuais de desemprego e de emprego no setor privado**

	Taxa desemprego (%)	Emprego setor privado (milhões)*
<b>2012</b>	7,4	62,4
<b>2013</b>	7,1	63,0
<b>2014</b>	6,8	64,1
<b>2015</b>	8,5	63,0
<b>2016</b>	11,5	61,6
<b>2017</b>	12,7	61,3
<b>2018</b>	12,3	61,7
<b>2019</b>	11,9	62,6
<b>2020</b>	13,5	57,3

Fonte: IBGE; (\*) Não inclui trabalhadores domésticos.

## 2. CAGED

O CAGED publica dados de emprego formal que as empresas informam. Em dezembro de 2020 o saldo (contratações menos desligamentos) foi negativo em 68 mil pessoas. No ano de 2020 foi positivo em 143 mil pessoas, mas o setor de serviços foi extremamente prejudicado.

**Tabela 5: Saldo de contratações por setores**

	Mil pessoas (2020)
<b>Construção civil</b>	112,2
<b>Indústria geral</b>	95,6
<b>Agropecuária</b>	61,6
<b>Comércio</b>	8,1
<b>Serviços</b>	-132,6

Fonte: CAGED

**Tabela 6: Saldo anual de emprego formal**

	<b>Milhares</b>
<b>2010</b>	2543
<b>2011</b>	1945
<b>2012</b>	1302
<b>2013</b>	1117
<b>2014</b>	397
<b>2015</b>	-1542
<b>2016</b>	-1322
<b>2017</b>	-21
<b>2018</b>	530
<b>2019</b>	644
<b>2020</b>	143

Fonte: CAGED

# A economia da América Latina e da Ásia – Parte II

---

**Por Akihiro Ikeda**

## 1. Diferencial de crescimento

Na Parte I, publicada no último Boletim Ideias, José De Gregorio e Jong-Wha Lee (“Growth and Adjustment in East Asia and Latin America”, ADBI Research Paper 54, fevereiro de 2004) analisam as principais causas do diferencial de crescimento econômico entre os países do Leste Asiático e da América Latina. De 1970 a 2000 o crescimento do PIB real per capita do Leste Asiático foi de 4,58% aa., enquanto que da América Latina (média de 21 países) foi de 0,94%, uma diferença substancial de 3,64% aa. O Mundo teve um aumento per capita de 1,43% aa., Estados Unidos de 2,37% aa. e Japão de 2,55% aa.

A pesquisa de De Gregorio e Lee tem uma sequência:

- i) Inicialmente é selecionada uma regressão linear estimada com todos os países do Leste Asiático e da América Latina, tendo como variável dependente o crescimento do PIB per capita. As causas da diferença de crescimento entre as duas regiões são previstas pela regressão.
- ii) As causas para o período de 1970 a 2000 encontram-se na tabela 1. A diferença efetiva de crescimento entre a América Latina e o Leste Asiático foi de 3,64% aa. (4,58% - 0,94%). A diferença de crescimento prevista pela regressão é de 3,08%, ligeiramente inferior à efetiva.
- iii) A renda inicial per capita é maior na América Latina do que no Sudeste Asiático. Assim, o sinal do coeficiente é negativo. A relação Investimento/PIB é mais elevada no Sudeste Asiático, e responde por 0,60 (19,6%) da diferença de crescimento de 3,08 (100,0%) estimada pela regressão.
- iv) Um conjunto importante de fatores no diferencial de crescimento refere-se às instituições e às variáveis políticas, responsáveis por 50,8% da diferença de crescimento. Entre elas a abertura comercial é o fator mais relevante com 20,1% (0,62/3,08). Ainda merecem destaque o consumo do governo mais

alto na América Latina (10,1%), a menor observância da lei (“rule of law”) na América Latina (12,0%) e a taxa de inflação mais elevada na América Latina (10,1%).

**Tabela 1: Causas dos diferenciais de crescimento do PIB per capita (Leste Asiático menos América Latina) 1970-2000, médias anuais**

	1970-2000
<b>Diferença efetiva de crescimento</b>	3,64
<b>Diferença prevista pela regressão</b>	3,08 (100%)
<b>Renda inicial per capita (log)</b>	-0,14 (-4,5%)
<b>Relação Investimento/PIB</b>	0,60 (19,6%)
<b>Taxa de fertilidade total (log)</b>	0,50 (16,3%)
<b>Recursos humanos</b>	0,29 (9,4%)
<b>Instituições e variáveis políticas</b>	1,57 (50,8%)
<i>Consumo do governo/PIB</i>	0,31 (10,1%)
“Rule of law”	0,37 (12,0%)
<i>Taxa de inflação</i>	0,31 (10,1%)
<i>Democracia</i>	-0,04
<i>Abertura comercial</i>	0,62 (20,1%)
<b>Relação de troca</b>	0,02
<b>Crise do balanço de pagamentos</b>	0,24 (7,8%)

Fonte: De Gregorio e Lee. Sinal positivo indica maior crescimento do Leste Asiático.

## 2. Diferencial entre países

De Gregorio e Lee analisam também as causas que influenciaram o diferencial de crescimento econômico dos países da América Latina em relação à média dos países do Leste Asiático. A tabela 2 mostra os dados de quatro países, Brasil, Colômbia, México e Peru, além da América Latina como um todo. No período 1970-2000 o crescimento efetivo do Leste Asiático foi de 4,58% aa. e o da América Latina de 0,94% aa., uma diferença portanto de 3,64%. A regressão prevê uma diferença de 3,08% (tabela 1). É este percentual que é utilizado para identificar e quantificar os fatores responsáveis pelo diferencial de crescimento.

O crescimento efetivo do Brasil nesse período foi menor do que o de outros países da tabela e inferior à média da América Latina. Provavelmente deve-se à forte crise cambial que o país enfrentou na década de oitenta; o coeficiente do balanço de pagamentos de 0,9 é o mais elevado da tabela. Nota-se ainda no caso do Brasil uma grande diferença entre o crescimento efetivo (2,28%) e o crescimento estimado pela regressão (4,61%), o que não se verifica em relação aos outros países.

Para a maioria dos países o item “instituições e variáveis de política” tem elevada importância como também se constatou na comparação entre o Sudeste Asiático e a América Latina. No caso do Brasil somam 2,12% aa. com efeitos negativos do consumo de governo (0,69% aa), inflação (1,15% aa) e abertura comercial (0,57% aa). A pequena abertura comercial continua sendo uma das características da América Latina. São economias extremamente fechadas que ainda mantêm resquícios da fase mais intensa da política industrial de substituições de importações executada por elevada proteção tarifária e outros instrumentos restritivos à importação. São países que tem ainda aversão à competição externa, e assim resultam em menor crescimento.

**Tabela 2: Diferenças de crescimento entre a média dos países do Leste Asiático e países da América Latina, 1970-2000 (% aa.)**

	Brasil	Colômbia	México	Peru	Am. Latina
<b>Crescimento efetivo</b>	2,28	2,79	3,03	4,64	3,62
<b>Crescimento estimado*</b>	4,61	2,37	3,19	4,14	3,08
<b>Renda inicial</b>	0,60	-0,10	1,10	0,00	-0,10
<b>Investimento</b>	0,21	0,72	0,37	0,43	0,60
<b>Fertilidade</b>	0,25	0,30	0,56	0,59	0,50
<b>Recursos humanos</b>	0,32	0,22	0,17	0,04	0,24
<b>Instituições e política</b>	2,12	1,41	0,46	2,02	1,57
<i>Consumo governo</i>	0,69	0,24	-0,10	-0,12	0,31
<i>“Rule of law”</i>	0,04	0,65	0,12	0,58	0,37
<i>Inflação</i>	1,15	0,16	0,27	0,79	0,31
<i>Democracia</i>	-0,33	-0,29	-0,37	0,11	-0,04
<i>Abertura comercial</i>	0,57	0,64	0,54	0,66	0,62
<b>Termos de troca</b>	0,08	0,02	0,03	0,07	0,02
<b>Crise do balanço de pagamentos</b>	0,90	-0,20	0,70	0,70	0,20

Fonte: Jose De Gregorio e Jong-Wha Lee; (\*) pela regressão.

### **3. Outros fatores que afetam o crescimento**

De Gregorio e Lee admitem que outros fatores, não incluídos na regressão, afetam o crescimento. São variáveis que podem ser importantes, embora às vezes apresentem alguma dificuldade para serem capturadas pela regressão em virtude de dados inexistentes, incompletos ou inadequados, ou ainda por problemas estatísticos de colinearidade. A educação e a distribuição de renda podem se encaixar nesse exemplo.

#### **3.1 Educação**

Em geral, a variável educação, quando incluída na regressão, refere-se à quantidade (anos de escolaridade) e não à qualidade. Uma medida de qualidade poderia ser o resultado obtido em testes internacionais de matemática e ciências. Existem evidências empíricas de que os “scores” desses testes são positivamente relacionados com as taxas de crescimento e o nível do produto per capita dos países. Um problema é que nem todos os países participam desses testes. O Brasil é o único país da América Latina que tem participado dos testes da IAEP, testes de matemática e ciências para estudantes de 13 anos, sendo os resultados bem fracos. Mas não tem participado do TIMSS, terceiro estudo internacional de matemática e de ciências.

#### **3.2 Distribuição de renda**

Existem diferenças substanciais na distribuição de renda entre o Sudeste Asiático e a América Latina. A renda é melhor distribuída no Sudeste Asiático; coeficientes de Gini da década de noventa ilustram as diferenças. Na América Latina, Brasil 0,60; Colômbia 0,58; México 0,53 e Peru 0,47. No Sudeste Asiático Indonésia 0,32; China 0,40; Tailândia 0,41; Filipinas 0,46 e Malásia 0,50. Nas discussões teóricas usualmente a desigualdade de renda afeta negativamente o crescimento. As evidências empíricas tendem a confirmar esse diagnóstico. Mas algumas pesquisas recentes apontam uma relação positiva. Uma razão para a dificuldade de análise empírica está na qualidade e na comparabilidade dos dados medidos, em que pequenas diferenças podem resultar em grandes diferenças na relação estimada entre desigualdade e crescimento.

A tabela abaixo indica que a correlação do índice de Gini com a taxa de crescimento é nula, mas o índice encontra-se correlacionado com alguns fatores que afetam o crescimento. O índice de Gini influencia fortemente a taxa de fertilidade que tem correlação negativa com o crescimento. A economia política argumenta que em sociedades desiguais existem mais incentivos para políticas de redistribuição, confirmada pela regressão da relação (consumo do governo/PIB) sobre o índice de Gini. Outro canal que a distribuição de renda influencia o crescimento é a educação. Famílias pobres não conseguem investir nos seus filhos mesmo sabendo-se que os retornos são elevados (coeficiente -0,800, escola secundária). Isto acontece relativamente menos em sociedades menos desiguais, dado o mesmo nível de renda, uma vez que os pais conseguem suportar o custo do ensino. Existe um impacto negativo da desigualdade sobre a observância da lei (“rule of law”). A economia política explica porque corrupção, observância da lei e qualidade institucional em geral são fracos em sociedades mais desiguais. Pode-se adicionar que a desigualdade aumenta as distorções, afeta negativamente as instituições e reduz a qualidade dos recursos humanos.

**Tabela 3: Efeitos do índice de Gini sobre crescimento e outras variáveis**

Variável dependente	Correlação
<b>Taxa de crescimento</b>	-0,001 (0,018)
<b>Fertilidade (log)</b>	1,335 (0,146)
<b>Consumo do governo/PIB</b>	0,143 (0,036)
<b>Arrolamento, escola secundária</b>	-0,800 (0,098)
<b>“Rule of law”</b>	-0,869 (0,126)

Fonte: De Gregorio e Lee

# Os objetivos chineses que geram dúvidas no Ocidente

**Por Paulo Yokota**

A maioria dos planos anunciados pelas autoridades chinesas deixam dúvidas no Ocidente, pois Xi Jinping e os componentes do seu governo têm a fama de que são autoritários. Os mais recentes programas visando o desenvolvimento verde, de baixo carbono, como constante da matéria publicada por Zhang Yue e Zheng Xin, no China Daily, jornal oficial daquele país, parecem receber a mesma qualificação. As metas aparentam ser relativamente modestas para o prazo longo que chega a 2060, quase quarenta anos a partir de hoje.



*Trabalhadores verificam instalações conectadas à rede em uma usina fotovoltaica em Shijiazhuang, província de Hebei, na China.*

Especialistas e líderes empresariais chineses apoiaram a nova diretriz do governo sobre a construção de um sistema econômico com ênfase no desenvolvimento verde, de baixo uso do carbono. A nova política promoveria a transformação da economia chinesa, estimularia o desenvolvimento de alta qualidade, ajudando a atingir a meta de pico de emissões de dióxido de carbono antes de 2030, segundo Lin Boqiang, reitor do Instituto de Estudos em Política Energética da China e professor da Universidade de Xiamen daquele país.

Em 2025, a indústria, os sistemas de energia e de transporte veriam melhorias nessa direção naquele país, à medida que a fabricação, a circulação econômica e os sistemas de consumo adotariam a nova filosofia. De acordo com a diretriz aprovada, a partir de 2035, o poder endógeno do desenvolvimento verde seria intensificado, a escala da indústria verde avançaria para um novo nível e o ecossistema econômico seria melhorado de forma significativa. Um comunicado divulgado após a Conferência Anual de Trabalho Econômico Central, em dezembro, disse que a China aproveitaria para formular um plano de ação para atingir o pico das emissões de dióxido de carbono antes de 2030.

Ainda que sejam objetivos muito gerais, mencionam-se os setores de ferro e aço, petroquímica, materiais de construção e papel, alem de incluir os setores de serviços sem metas operacionais claras até o momento. Elas aparentam ser exequíveis, por não serem exageradamente ousadas. O que ocorreu foi um pequeno detalhamento do que Xi Jinping já anunciou nas reuniões das Nações Unidas. A neutralidade do carbono só seria atingida na China em 2060, um futuro bastante distante.

Como em muitos países no mundo, o desafio principal da China é a eliminação do uso do carvão mineral e derivados dos produtos de petróleo, substituindo por gerações energética não poluentes, como os eólicos e solares. O primeiro ministro Li Keqiang comprometeu-se com as metas pretendidas, no Relatório de Trabalho do Governo entregue em 5 de março último. O consumo de energia por unidade do PIB e as emissões de dióxido de carbono por unidade do mesmo serão reduzidos em 13,5% e 18%, respectivamente, durante o período de 2021-25. As empresas chinesas já estão trabalhando para atingir estes objetivos, como no caso do Grupo chinês Transfar.

Para tanto consideram que as pesquisas são estratégicas e os gastos com P&D já foram programados. Eles entendem que isto será uma tendência inevitável no futuro próximo para todas as empresas. Outra organização, a Jinergy, volta-se para a redução de custos de energia para a indústria considerada fotovoltaica. A JonkoSolar, fabricante de módulos solares, volta-se para combinar seus produtos com o uso do big data para o consumo no setor de energia posam ser digitalizados. Eles entendem que veículos de energia fotovoltaicos são as tendências futuras.

Estas informações sugerem que estes planos da China são exequíveis dentro dos prazos estabelecidos, mesmo que muitos detalhes ainda não tenham sido divulgados.

# Produção de vacinas de Covid 19 na Ásia

---

*Por Paulo Yokota*

Muitas pessoas podem ficar surpresas que várias vacinas para o Covid 19 sejam produzidas na Ásia, notadamente na China e na Índia, ainda que elas considerem que estes países não estejam na vanguarda do desenvolvimento tecnológico no mundo. Neste período de pandemia até o Brasil disputa para obtê-las, com a urgência possível e em quantidades apreciáveis, incluindo os produzidos nestes dois países.

Quando eu trabalhava numa empresa brasileira de trading que atuava na região asiática em torno de 1986, na China de então fui surpreendido que eles contassem somente com produtos industrializados simples para exportarem, mas nos ofereceram grandes quantidades de aspirinas. Seus maiores importadores eram os suíços, que os reexportavam para o mundo todo, usando suas marcas conhecidas mundialmente.

Muitos especialistas sabem que a Índia é uma das maiores produtores de medicamentos genéricos, que também os exportam até para os países mais avançados do mundo, como o Japão. Como eles não pagam os direitos de propriedades sobre as tecnologias usadas na produção destes remédios, eles contam com preços competitivos para os chamados genéricos, que apresentam qualidades idênticas com os originais. Encontrei alguns deles nas farmácias japonesas.

Mesmo que existam organizações internacionais como a OMC – Organização Mundial de Comércio nem todos os produtos têm critérios idênticos para o comércio internacional de bens industrializados, notadamente quando se tratam dos que afetam a saúde das populações.

O Brasil também tira partido desta situação. Muitos remédios genéricos produzidos na Índia são encontrados nas farmácias brasileiras, com preços mais baixos dos que os normais.

# Sensíveis diferenças culturais com o Covid 19

*Por Paulo Yokota*

Todos que acompanham as notícias sobre a pandemia do Covid 19 em diversos países no mundo estão verificando que há sensíveis diferenças de mortes e contaminações provocadas por este vírus, incluindo as modificações que estão sendo detectadas. A Johns Hopkins University dos Estados Unidos organizou a Coronavirus Resouce Center que conta com os dados mais completos disponíveis e atualizados para todos os países, que estão sendo usados por muitos analistas. Juntamos os dados de população, os mais atualizados possíveis para alguns países, tentando tornar viável ter uma noção das informações per capita.

No Brasil, as estatísticas disponíveis estão mostrando dados assustadores, enquanto países como a Nova Zelândia, o Japão e a China estão com estatísticas bem modestas. Quando relacionadas com as dimensões de suas populações, as comparações parecem mais justas.

Alguns países	População (em milhares)	Mortos	Contaminados
		(em unidades)	
Brasil	211.800	279.415	11.519.609
China	1.440.000	35.363	101.421
Estados Unidos	333.546	335.763	29.495.424
Índia	1.300.000	158.956	11.409.831
Japão	126.500	8.625	448.000
Nova Zelândia	4.466	25	2.432

Observações: 1) Em alguns países dispõe-se de informações oficiais sobre as populações em 2020, em outros não existem censos atualizados, sendo estimativas mais grosseiras; 2) Os dados acima do Johns Hopkins - Coronavirus Resouce Center estão atualizados até 16 de Março deste ano.

As diferenças culturais, provavelmente, provocam parte destas discrepâncias acentuadas. Usos adequados de máscaras, obediências às recomendações sobre isolamentos, usos do álcool gel, hábitos de mudarem de calçados usados nas ruas e nas residências, cuidados nos transportes coletivos, entre outros fatores aparentam influírem

nestes resultados. Além do preparo adequado das autoridades para enfrentar esta pandemia.

A Universidade norte-americana Johns Hopkins é a que mais vem reunindo dados sobre o Covid 19, tendo até montado uma unidade para mantê-los mais atualizados, com os dos países do mundo. Os dados sanitários são do dia 16 de março último. Eles são extremamente úteis, mas seriam mais informativos na medida em que estes estivessem relacionados com outros. Como as dimensões de suas populações para permitirem informações mais operacionais, que seriam per capita.

Os pacientes também contam com diferenças prévias acentuadas, como obesidades, problemas respiratórios e outras moléstias. Também os recursos humanos que estão atuando de forma heroica, principalmente na linha de frente, estão com carências limitadas das instalações e equipamentos disponíveis, apresentando acentuados desgastes físicos e psicológicos, o que é bastante humano.

Os dados disponíveis estão refletindo, em parte, estas diferenças por países e regiões, agravados pelos tempos indispensáveis para todas as providências em variados locais. Raras vezes tantos problemas se acumularam ao mesmo tempo.

# Notas diversas

---

**Por Akihiro Ikeda**

## 1. A “década perdida”

A década de oitenta do século passado ficou conhecida como a “década perdida”. Foi um período ruim para a economia brasileira. Apesar do aumento do preço de petróleo para US\$10,0 o barril no final de 1973, e das indicações sobre o sucesso dos árabes na formação do cartel, o país não tomou medidas para aumentar a produção interna. Ela continuou estagnada. O crescimento econômico foi realizado com o petróleo importado financiado por dívida externa. Em 1979 o Brasil extraia apenas 15% do petróleo consumido. O país sofreu duro golpe: i) os juros internacionais atingiram 20% aa. e ii) o preço do petróleo subiu de US\$12,0 para US\$34,0. A relação de troca despencou 30,1% na década de oitenta em relação à década anterior. O PIB REAL cresceu nesse período 1,6% ao ano, um desempenho que contrasta com as décadas anteriores. Entre 1960 e 1970 o PIB tinha aumentado 7,4% aa. e entre 1970 e 1980, 8,6% aa.

Se a década de oitenta foi a “década perdida” que nome dar para a década 2010 a 2020 com um crescimento do PIB de apenas 0,3% aa.?

## 2. Agricultura

A agricultura brasileira tem tido grande desempenho nos últimos 70 anos. Alguns especialistas diziam, por volta de 1960, que era um setor arcaico, de produtores ignorantes que desconheciam o mercado. Ela era considerada responsável pela inflação. Estudos realizados na época pela FEA/USP desmentiam essas afirmações. A evolução do PIB real agrícola mostra que entre 1950 e 2019 teve uma expansão média anual de 3,5%. O desempenho mais fraco ocorreu na década de oitenta (2,5% aa) quando o país enfrentou uma série de dificuldades como o segundo choque do petróleo, juros internacionais de 20% aa., crise da dívida externa, etc. reduzindo o crescimento do PIB para 1,6% aa.

**Tabela 1: Evolução anual do PIB agrícola em termos reais**

	%
<b>1950-60</b>	4,4
<b>1960-70</b>	3,9
<b>1970-80</b>	4,7
<b>1980-90</b>	2,5
<b>1990-00</b>	3,2
<b>2000-10</b>	4,1
<b>2010-19</b>	3,0

Fonte: IBGE

### 3. Culturas de verão

A última estimativa da CONAB indica expansão de área cultivada da safra de verão de 3,7%, de 63,0 milhões de hectares no ano passado para 65,3 milhões neste ano. A previsão da produção para este ano é de 264,5 milhões de toneladas que corresponde um aumento de 6,0% sobre a safra passada que foi de 249,4 milhões de toneladas. A previsão de produção das principais culturas encontra-se na tabela abaixo.

**Tabela 2: Previsão de produção da próxima safra, 2020/21 (milhões de toneladas)**

	2019/20	2020/21	variação (%)
<b>Algodão em caroço</b>	4,4	3,7	-16,4
<b>Arroz</b>	11,2	11,0	-1,9
<b>Feijão</b>	3,2	3,3	1,6
<b>Milho</b>	102,5	108,1	5,4
<b>Soja</b>	124,8	135,1	8,2

Fonte: CONAB

### 4. Agronegócio na exportação

A participação dos produtos agrícolas, in natura e com alguma elaboração, tem aumentado na pauta das exportações brasileiras. Mostra o acerto da política agrícola e a capacidade da agroindústria de atender com eficiência a demanda mundial. São produtos classificados de pouca sofisticação, não fazem parte da lista dos bens complexos, mas

movimentam uma extensa cadeia de produção, transformação e exportação. Em 2000 as exportações do agronegócio correspondiam a 37,4% do total exportado pelo país, em 2020 aumentou para 48,0%.

**Tabela 3: Exportações do agronegócio**

	US\$ bilhões	% sobre total exportado
<b>2000</b>	20,6	37,4
<b>2005</b>	43,6	36,7
<b>2010</b>	76,4	37,9
<b>2015</b>	88,2	46,2
<b>2020</b>	100,7	48,0

Fonte: Ministério da Economia

## 5. Estagnação e crise

A última década foi ruim para a economia brasileira. De 2010 a 2019 o PIB real cresceu somente 0,7% aa. Foi o mau gerenciamento doméstico que causou a estagnação ou ela decorreu do mal desempenho da economia mundial? Não resta dúvida de que foi causada por políticas internas. Nesse período a economia mundial continuou crescendo de maneira relativamente forte. O PIB mundial em PPP, em dólar internacional constante, evoluiu à taxa anual de 3,4%. Que problemas afetaram o crescimento da economia do país? Duas linhas de raciocínio parecem dominar a questão:

- I) Edmar L. Bacha e Regis Bonelli analisam o período de 1941 a 2002 enfatizando a relação existente entre a taxa de crescimento do estoque de capital e o crescimento do PIB (“Uma interpretação das causas da desaceleração econômica do Brasil”, Revista de Economia Política, vol. 25, no. 3 (99) julho-setembro de 2005). Por extensão a estagnação da última década foi causada pela queda da taxa de investimento.
- II) De outro, José L. Oreiro, Luciano L. M. D’Agostini e Paulo Gala ao comentarem a estagnação dos últimos anos concluem que depois de 2005 ocorreu uma forte valorização da taxa cambial que foi parcialmente responsável pelo processo de desindustrialização do país, por cerca de 1/3 da redução da participação da

indústria manufatureira no PIB. Os restantes 2/3 foram decorrentes da redução na complexidade econômica do Brasil. A complexidade econômica é uma medida da sofisticação produtiva do país.

## 6. Ferrovias em países emergentes

Em vários países emergentes as ferrovias exercem importante papel na economia. No Brasil tiveram papel muito relevante na abertura das fronteiras, na expansão da produção e no seu povoamento.

**Tabela 4: Ferrovias em alguns países, 2018**

	Extensão km	km por km <sup>2</sup> (000)
<b>China</b>	67.515	7,2
<b>Índia</b>	68.443	23,0
<b>Paquistão</b>	7.791	10,1
<b>Tailândia</b>	4.458	8,7*
<b>Vietnã</b>	2.382	7,7
<b>Brasil</b>	30.000	3,1

Fonte: Asian Development Bank - (\*) Tailândia (dados de 2010)

## 7. Complexidade econômica

Economia complexa é aquela que produz e exporta diversos produtos não ubíquos, ou seja, mercadorias que não são produzidos em outros países. A acumulação de conhecimento produtivo e sua utilização em indústrias cada vez mais complexas conduz ao desenvolvimento econômico. Muitos países melhoraram em complexidade econômica nos últimos 10 anos, de 2008 a 2018. No entanto países da América Latina, exceto Peru, regrediram no ranking.

**Tabela 5: Ranking de complexidade econômica**

(1 é melhor, 133 o pior)

	2008	2018	Diferença
<b>China</b>	24	18	-6
<b>México</b>	19	19	0
<b>Tailândia</b>	31	22	-9
<b>Malásia</b>	27	26	-1
<b>Filipinas</b>	45	35	-10
<b>Turquia</b>	40	40	0
<b>Índia</b>	50	42	-8
<b>Peru</b>	42	40	-2
<b>Brasil</b>	48	49	1
<b>Vietnã</b>	63	52	-11
<b>Colômbia</b>	53	56	3
<b>Uruguai</b>	55	60	5
<b>Chile</b>	71	72	1

Fonte: [atlas.cid.harvard.edu](http://atlas.cid.harvard.edu)